

**O LIVRO DE REGISTRO DO CECA - CENTRO ESPORTIVO DE CAPOEIRA
ANGOLA - DE MESTRE PASTINHA: UM DOCUMENTO POLÍTICO-AFIRMATIVO.**

Joseania Miranda Freitas¹
José Joaquim de Araújo Filho²
Jean Herbert Batista Brito³

Resumo: Este texto é resultante de uma pesquisa de Iniciação Científica, realizada no Museu Afro-Brasileiro, MAFRO/UFBA, para estudo da coleção Capoeira (2011-2014). O livro de registro do CECA - Centro Esportivo de Capoeira Angola, mais conhecido como a Academia do Mestre Pastinha - é um documento importante para compreensão dos registros da prática da capoeira na Bahia. Mesmo que não seja o livro original, devido às diversas pistas que são apresentadas, que mostram que foi um livro “passado a limpo”, o livro não perde o seu caráter de documento da prática da capoeira em um determinado tempo. É um estudo preliminar, abrindo possibilidades de diversos estudos a partir dos dados que são apresentados. O livro de registro é apresentado como um documento político, pois marca, efetivamente, o ensino institucional da capoeira, que passa de atividade marginal para atividade física reconhecida, que necessitava de novos padrões, incluindo o registro escrito.

Palavras-chave: Capoeira, Memória afrobrasileira, Museu.

Entre os objetos da coleção de Mestre Pastinha, encontram-se documentos em suporte papel, como o livro de sua autoria, carteiras de identificação de alunos, fotografias diversas, destacando-se neste conjunto o livro de registro do CECA - Centro Esportivo de Capoeira Angola. Estes objetos poderiam ser classificados como objetos de arquivo ou de biblioteca, no entanto, fazem parte de um acervo museológico. São objetos de museu não somente por terem sido entregues à sua guarda, mas, principalmente, porque são peças indissociáveis para compreensão da vida do Mestre Pastinha, são dados materiais que oferecem elementos para uma análise mais ampla da coleção Capoeira, incluindo os demais mestres que compõem a coleção e suas diversas relações; como salientam as palavras de Nascimento, o objeto museal (1998, p. 103): “[...] passa a ser o mediador para o entendimento de determinados momentos históricos, levando ao homem a compreensão e as contradições sociais, já que a manifestação cultural não é algo isolado do seu espaço-tempo histórico.”

¹ Professora do Departamento de Museologia, coordenadora do Programa de Pós Graduação em Museologia/PPGMuseu, pesquisadora do Museu Afro-Brasileiro/UFBA. E-mail: joseaniafreitas@yahoo.com.br

² Graduando em Museologia, bolsista do Museu Afro-Brasileiro/PIBIC/CNPq/UFBA. E-mail: jjfilho2@yahoo.com

³ Graduando em Museologia, bolsista do Museu Afro-Brasileiro/PIBIC/FAPESB/UFBA. E-mail: jhanherbertt@gmail.com

O livro de registro do CECA é um caderno de capa dura, com folhas pautadas para anotações, é um documento que registra importantes personagens que fizeram, e ainda fazem parte, da história da capoeira na Bahia. Encontra-se no acervo do MAFRO desde 1983, entregue pela última companheira do Mestre Pastinha, a senhora Maria Romélia da Costa, conhecida como dona Nice. Os antigos objetos de uso cotidiano que habitavam as ruas, a academia e o ambiente familiar, transformaram-se em objetos museais, conceituados sem hierarquias e adjetivos, caracterizados como artefatos da cultura material, ou seja, resultantes da produção humana, suportes de informação – documentos.

Para entender a importância do livro, assim como entender como se formaram as academias e centros de capoeira foi preciso recorrer aos estudiosos da prática. De acordo com Rego (1968), as academias começaram a aparecer na cidade de Salvador nos princípios da década de 1930, sendo a primeira delas o Centro de Cultura Física e Capoeira Regional do Mestre Bimba (1932), no bairro do Engenho Velho de Brotas. Nestor Capoeira (1999) observa que foi nessa época, mais precisamente em 1934, que a lei que proibia a sua prática foi revogada. Assim, a capoeira perdeu, no campo oficial, o seu lugar de atividade marginal, podendo também ser ensinada em recintos fechados, com um alvará de instalação. Segundo Abib (2013), Pastinha ajudou a criar uma definição de prática esportiva para a capoeira, em que o equilíbrio entre os aspectos físicos e psicológicos era levado em consideração. Segundo Barreto e Freitas (2009, p. 87), foi na academia que Pastinha inovou, criando novos métodos, reinventando a capoeira Angola, estabelecendo: “[...] regras, normas de conduta e comportamento, afastando-a do contexto de ‘briga de rua’, para transformá-la fora da marginalidade, em belo espetáculo de movimento, quase dança, quase luta”.

O então Presidente Getúlio Vargas desempenhou um papel fundamental na tentativa de alçar a capoeira ao patamar de esporte nacional, como destaca Nestor Capoeira (1999, p. 60): “A finalidade da legalização da capoeira foi a de permitir a constituição de um campo de apoio à política de uniformização social que o Estado Novo implementaria (1937-1945)”. Neste contexto, em 1941, Mestre Pastinha fundou o CECA. Na época um homem com mais de cinquenta anos de idade, que havia aprendido a arte da capoeiragem aos dez anos com um ex-escravo de nome Benedito, segundo Barreto e Freitas (2009). Mestre Pastinha, após sair da Escola de Aprendizes de Marinheiros ficou ausente das rodas de capoeira por um longo período, possivelmente, devido à repressão, só retornando no começo da década de 1940, como destacam os autores citados (p. 20): “[...] foram anos difíceis, Pastinha deu muita ‘queda de asa’ para fugir das encrencas e ganhar a vida, sem aparecer muito”.

Ainda segundo Barreto e Freitas (2009), neste mesmo ano, Mestre Pastinha se encontrou casualmente com Aberrê, um velho amigo capoeirista da juventude, que o convidou para conhecer

uma roda domingueira de capoeira que acontecia em um local conhecido como Gengibirra, no bairro da Liberdade: “A roda era comandada por mestre Amorzinho, um guarda civil que Pastinha considerava ‘o mestre dos mestres’”. (p. 79). Assim, o Mestre encontrava-se novamente envolvido com a capoeira, aceitando a proposta do Mestre Amorzinho para assumir o comando do grupo, como destacam os autores (p. 80-81):

O próprio Pastinha sugeriu o nome do grupo que estava ressurgindo: Centro Esportivo da Capoeira Angola. A seu lado, os fundadores: Amorzinho, Aberrê, Antonio Maré, Daniel Noronha, Onça Preta, Livino Diogo, Olímpio, Zeir, Vitor HU, Alemão (filho de Maré), Domingos, Beraldo, Pinião, José Chibata e Ricardo. Esse foi o núcleo inicial da nova escola de capoeira Angola que Pastinha dirigiu e projetou para o mundo [...].

Abib (2013), em seu estudo detalhado sobre os *Mestres e capoeiras famosos da Bahia*, apresenta dados sobre os fundadores do CECA, Aberrê, ou Mestre Raimundo Argolo, foi talvez o primeiro aluno do Mestre Pastinha, ainda nos anos 1910. Era considerado um capoeirista astucioso e perspicaz, que frequentava todas as rodas da cidade e do Recôncavo Baiano, falecendo aos 47 anos, depois de um colapso enquanto jogava numa roda. Daniel Noronha era possivelmente o Daniel Coutinho, conhecido como Mestre Noronha que “Tinha um enorme respeito pelo passado e pela luta dos seus ancestrais” (p. 115). Foi uma figura importante na participação do CECA, além de deixar seu legado registrado no livro o *ABC da Capoeira Angola*. Vitor HU, era Vitor Benedito Lopes, muito respeitado no universo da capoeira, costumava participar das rodas que aconteciam próximo ao Cemitério do Campo Santo, Morro do Pilão, Alto das Pombas e Distrito de São Lázaro e foi um dos capoeiristas que desafiou o Mestre Bimba por não reconhecer a modalidade da Capoeira Regional criada por ele. Dos outros fundadores do CECA muito pouco se conhece.

Mestre Pastinha conseguiu ser reconhecido como mestre guardião da capoeira Angola na Bahia. Em 1952, o Centro Esportivo ganhou seus primeiros estatutos e oficializou-se com o registro civil de pessoa jurídica.

Tudo direito, com papelada, contabilidade e prestação de contas regulares. Era a realização de um velho sonho do Mestre – a essa altura já com mais de 60 anos -, que sempre quis ter sua academia de capoeira Angola regularizada e aceita dentro das normas jurídicas e sociais vigentes. Era a única instituição de Angola organizada onde alunos recebiam diploma e carteira de identificação – e Pastinha sentia muito orgulho disso (BARRETO; FREITAS, 2009, p. 85-86).

O livro de registro, como um caderno de anotações dos filiados, apresenta dados, ainda que esparsos, como serão vistos mais adiante, sobre o seu próprio uso, sobre o que se anotava, sem precisão quanto aos tempos de registro e as formas de uso, porém posto está o seu significado cultural de uso. Ficam evidentes suas características de documento político, no sentido de marcar efetivamente a existência institucional da prática e do ensino da capoeira. A mudança de *status* de atividade marginal para atividade física reconhecida exigia um novo padrão de comportamento e,

neste caso, o uso do registro escrito, exigido pela sociedade letrada, contrapondo ao imaginário social que previa que pessoas marginalizadas estavam distantes do mundo da cultura escrita. Tratava-se, portanto, de uma afirmação política para marcar o novo momento.

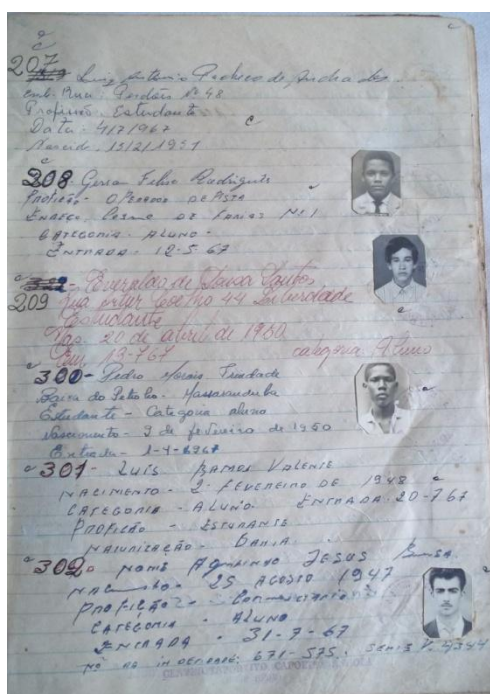
Segundo Barreto e Freitas (2009), com o falecimento do Mestre Amorzinho e início da Segunda Guerra Mundial as coisas ficaram difíceis para o CECA, desencadeando um período de desentendimentos de ordem financeira, disputa de liderança, de metodologia de ensino, de administração, e até mesmo intrigas envolvendo a primeira mulher de Pastinha, culminando com a saída dos mestres do CECA (p. 81-82). Numa tentativa de manter o Centro em funcionamento, Mestre Pastinha pediu apoio aos amigos Jorge Amado e Édison Carneiro, filiados ao Partido Comunista, para dar continuidade aos seus ensinamentos da capoeira, conseguindo o espaço do *Centro Operário da Bahia*, situado na Rua Gregório de Matos, no Pelourinho, onde ficou por mais de dois anos. Logo depois, passou a usar o pátio de uma fábrica de sabonetes, no Bigode em Brotas, onde o Mestre havia conseguido um trabalho como vigia, para continuar seus treinamentos com os discípulos (p. 82). Mais tarde, ainda na década de 1940, transferiu o CECA para uma localidade conhecida como Forno, na Cidade de Palha (atual Cidade Nova). Abib (2013, p.126) diverge dessa sequência, sugerindo que a Cidade da Palha foi anterior a localidade do Bigode: “[...] o Centro foi transferido para o Forno, na Cidade de Palha, atual Cidade Nova; para Bigode, para Brotas e finalmente para o Pelourinho.” Mestre Augusto, em depoimento para o Catálogo da Coleção do MAFRO, informou que o CECA surgiu na Gengibirra (Largo do Tanque), onde antes já existia o Grupo de Capoeira Nossa Senhora da Conceição da Praia, que foi o primeiro grupo que se organizou, mas não foi registrado oficialmente. A partir daí o grupo de Mestre Pastinha passou pela Baixa dos Sapateiros e Saúde, até que chegou ao Pelourinho, sendo registrado oficialmente.

Ainda segundo Barreto e Freitas (2009), o CECA se instalou em sede definitiva, em um amplo salão no casarão nº 19 do Largo do Pelourinho, ao lado da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. E lá permaneceu até o seu fim, no início da década de 1970. Apesar da transferência do CECA para este casarão ter sido importante para o desenvolvimento da Capoeira Angola, uma vez que o centro passava a contar com instalações espaçosas e arejadas, a imprensa local não se manifestou. No mês de maio de 1955, os quatro principais periódicos da cidade (Diário da Bahia, Diário de Notícias, Estado da Bahia e O Monumento) não fizeram qualquer menção às novas instalações do centro, fato que levanta a hipótese de que o centro de fato só conquistou prestígio e reconhecimento na mídia alguns anos mais tarde. Vale lembrar que o Pelourinho nessa época era uma área degradada. O próprio nome do Mestre Pastinha, afirma Nestor Capoeira (1999, p. 83), baseando-se nas pesquisas de Jair Moura, só veio aparecer num jornal baiano em 1950, “[...] quando começou a fazer exhibições de capoeira sob o patrocínio do órgão oficial de turismo”.

A movimentação, em busca de fixar o CECA em uma sede própria, mostra que foi preciso muito esforço pessoal e coletivo para que o Mestre Pastinha conseguisse respaldos legais para a construção efetiva do Centro. Neste sentido, o livro de registro é compreendido como um documento político-afirmativo. Assim sendo, não é aqui analisado pelo seu caráter de fidedignidade ou de veracidade. Este texto busca compreender a sua existência material, como uma herança do Mestre Pastinha, entregue ao museu como sendo o livro de registro do CECA, portanto um objeto museal, que dinamicamente apresenta suas características materiais e imateriais.

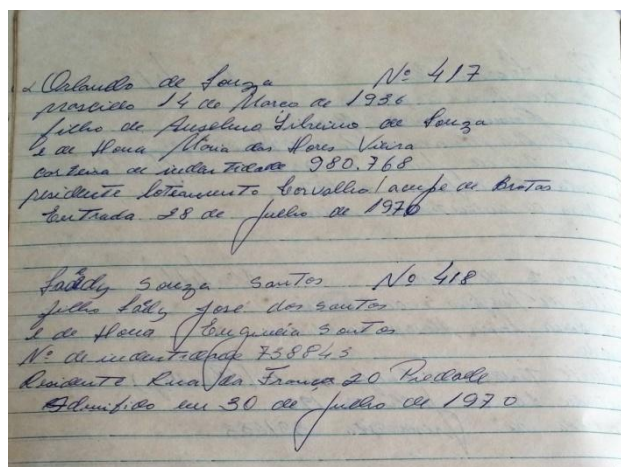
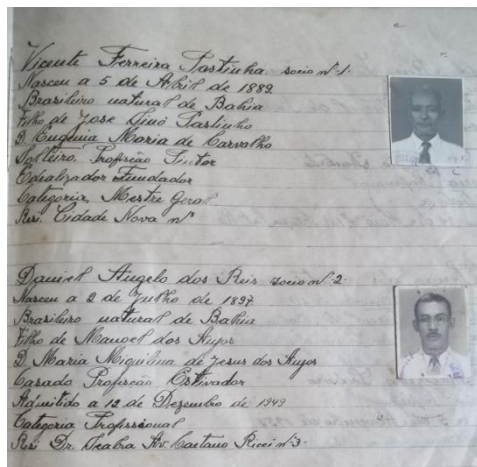
No processo de elaboração do Catálogo da Coleção, estudiosos e mestres informaram sobre as possíveis alterações nos dados, que, possivelmente este não seria exatamente o livro de registro do CECA, que seria uma cópia, algo que foi passado a limpo de um livro original. No entanto, para a compreensão do livro como objeto museal, ser original ou cópia, não o descaracteriza como documento, pois ao museu interessa, para construção do conhecimento, a compreensão da “[...] rede de relações: sociais, políticas e econômicas na qual foi produzido, tendo um significado cultural de uso, função e movimento no passado e no presente.” (NASCIMENTO, 1998, p. 63).

Efetivamente o livro apresenta problemas de numeração, com ausência dos números 66, 77, 78, 79, 80 e 392, com um vazio de informações a partir do número 209, que pula para o número 300, como pode ser visto na foto abaixo. Ao todo estão registrados 323 nomes de sócios.



As fotografias abaixo revelam os dois primeiros registros do livro, do próprio Mestre Pastinha, sem data no registro e o segundo, Daniel Augusto dos Reis, Mestre Noronha, nascido em 1897, registrado no livro em 12 de dezembro de 1949. Os dois últimos registros, números 417 e 418, são de Orlando de Souza, nascido em 1936, e Saedy (?) Souza Santos, registrados no livro em

julho de 1970.



A primeira página apresenta informações relativas à fundação do Centro Esportivo, em 23 de fevereiro de 1941, o registro civil nº 845 de 1º de outubro de 1952. A primeira página já leva a inferir que é um livro para registro da história institucional, pois as primeiras datas registradas são anteriores a escrita, pois o primeiro registro está marcado como de 1949 e o registro civil só foi feito três anos mais tarde, 1952. As anotações começaram depois de 1955, data da última gestão dos presidentes listados:

- 1º Presidente Atalídio Caldeiras - de 1941 a 1944
- 2º Presidente Aurelício Caldeiras - de 1944 a 1952
- 3º Presidente Paulo Dantas Silva - de 1952 a 1955
- 4º Presidente Deputado Wilson Lins - de 1955 – (informação da data final ausente)
- 5º Presidente – (em branco).

No final da página, como Mestre geral, aparece o nome de Vicente Pastinha.

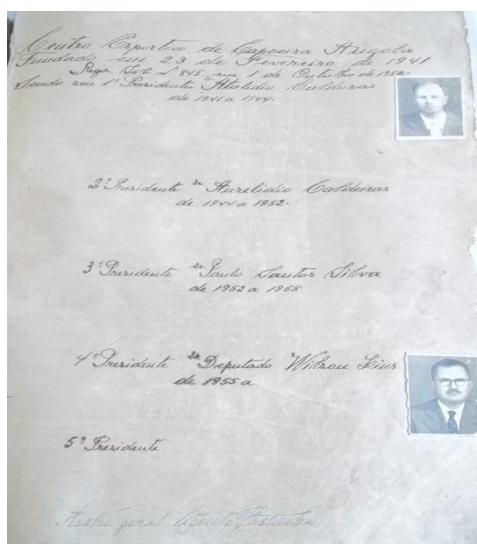
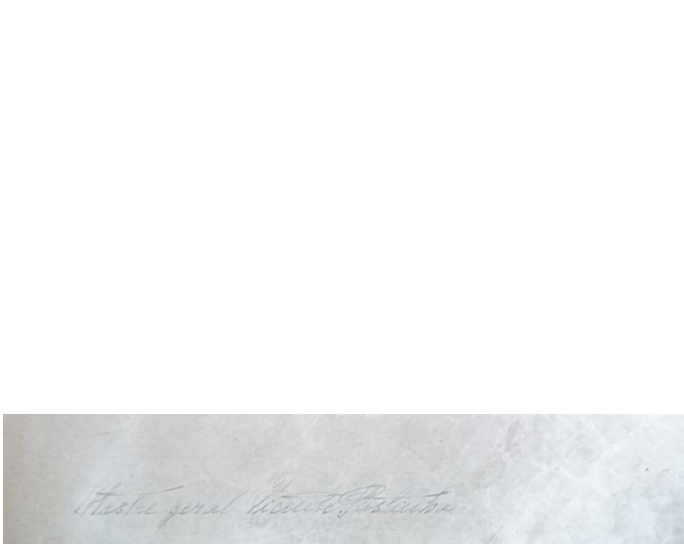


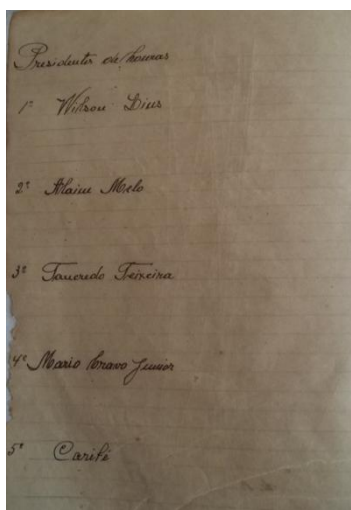
Foto da primeira página do livro de registro.



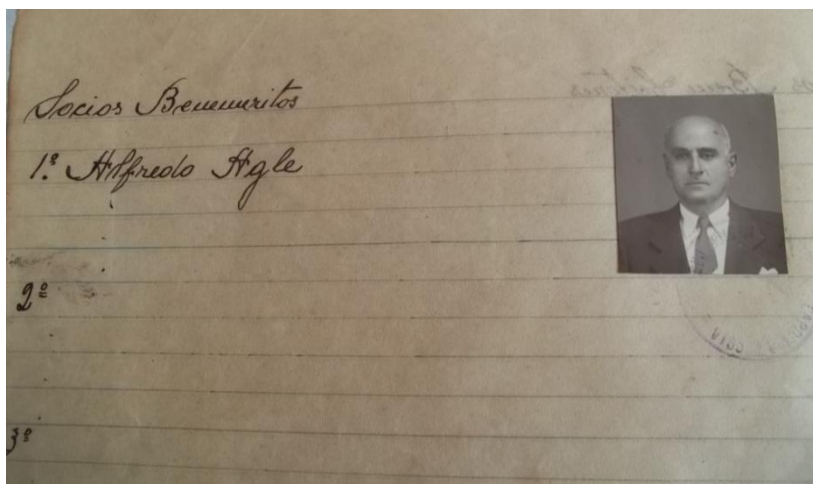
Detalhe com o nome do Mestre Pastinha como Mestre Geral.

Na segunda página aparecem nomes os dos presidentes de honra, conforme foto abaixo:

- 1º Wilson Lins
- 2º Alaim Melo
- 3º Tancredo Teixeira
- 4º Mário Cravo Junior
- 5º Caribé – tão somente o nome, sem mais informações.



A página seguinte é dedicada aos sócios beneméritos, porém só aparece um registro, o de Alfredo Agle.



No livro aparecem onze campos de identificação para as fichas dos sócios: Nome; Nascimento; Nacionalidade; Naturalidade; Filiação; Estado civil; Profissão; Categoria; Residência; Número da carteira de Identidade; Data de Admissão. Não é constante o preenchimento dos todos os campos, os mais recorrentes, com mais de 200 registros, são: Nome; Profissão; Residência; Data de Admissão e Nascimento.

O campo *nome* não aparece em todos os registros, tendo um total de 274 registros, dos 323 sócios registrados. Estes dados mostram que não havia um padrão rígido para o preenchimento das fichas. Os campos aparecem e desaparecem ao longo dos anos, deixando muitas perguntas em aberto, seria o livro original, seria uma cópia que se tentou atualizar, foi passado a limpo de um rascunho inicial? Quem, de fato, realizava os registros?

No registro dos sócios do CECA havia distinções em categorias, de acordo com os seguintes níveis: Mestre; Profissional Avançado; Profissional Amador; Avançado; Amador e Aluno. O único que aparece na categoria Mestre é Pastinha, a maior parte dos registros é marcada por *amador* e *aluno*.

Dos 323 registros, dois são de estrangeiros, Manoel B. Duran (registro nº 9), Celso B. Bulhosa (registro nº 10) e Fernando Parada Garrido (registro nº 33), todos de Pontevedra, na região da Galícia, na Espanha. Os demais são baianos, das mais diversas cidades, principalmente Salvador, e alguns poucos vindos de outros estados, em sua maioria do Nordeste, como Sergipe e Pernambuco.

Dois campos aparecem menos de cinco vezes: *religião* e *local de trabalho*. O campo *religião* aparece quatro vezes e todos se definem como católicos, o campo *local de trabalho* aparece três vezes, somente preenchido duas vezes.

As profissões são variadas, bancários, serventes e operários, sendo a maioria estudantes e comerciários. No registro profissional, duas categorias só aparecem uma vez: *pandeirista*, sugerindo que fazia parte dos instrumentistas e a categoria *menor*, que faz referência a um aluno de 11 anos. Apesar da existência deste registro de um menor de idade, não há como precisar outras presenças, pois, como já foi relatado há campos sem preenchimento como a data de nascimento e a data de admissão.

O número elevado de registros na categoria estudante, 105, representa 32,5 % do total, sendo, portanto, um dado importante a ser salientado, pois esta categoria poderia está ocultando dados como desemprego, ou a falta de ocupação formal, uma vez que o livro registra diversas categorias de prestadores de serviços, como mecânico, carpinteiro, pedreiro, motorista, eletricista, entre outros.

Tabela 1: Profissões registradas no livro

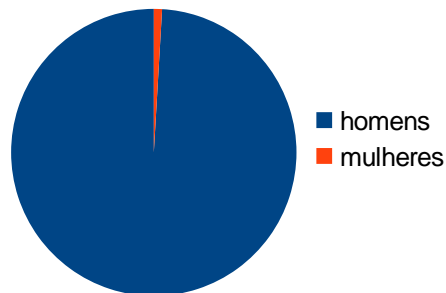
Estudante – 105	Comerciário – 29	Comerciante – 17
Militar – 9	Motorista – 12	Eletricista – 4
Funcionário Público – 4	Radiotelegrafista – 2	Bancário – 6
Servente – 9	Industriário – 7	Mecânico – 4
Pedreiro – 10	Ajudante de pedreiro – 4	Carpinteiro – 2
Pintor – 5	Negociante de peixe – 2	Sapateiro – 2
Auxiliar de ótica – 2	Auxiliar de escritório – 2	Marceneiro – 5

Tabela 2: Profissões que aparecem apenas uma vez.

Professor	Funileiro	Enfermeiro
Topógrafo	Radiotécnico	Arquiteto
Desenhista	Analista	Ascensorista
Tupieiro	Balconista	Vidreiro
Cobrador de ônibus	Zelador	Carpina
Publicitário	Fiscal da prefeitura	Operário
Doméstico	Junta comercial	Auxiliar de foguista
Estivador	Funcionário de prefeitura	Policia Militar
Almoxarife	Ajudante de ferreiro	Funcionário da polícia federal
Atendente	Tipógrafo	Dentista
Controlador de	Ambulante	Professor

processos		
Arrumador	Barbeiro	Operador de pista
Montador	Vendedor	

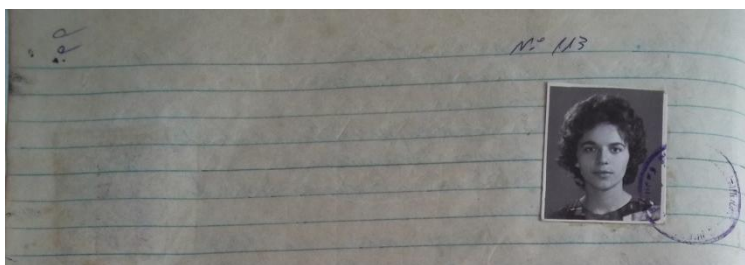
Outro dado difícil de precisar é o bairro de origem, pois apesar do campo para registro ser um dos mais recorrentes ao longo da existência da academia, com 254 registros, o bairro normalmente não era colocado, ficando apenas o nome da rua e o número da casa, dados



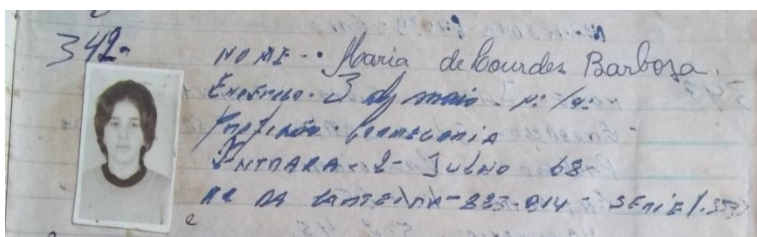
insuficientes, pois na cidade um nome de rua pode aparecer em vários bairros.

Apenas três mulheres estão registradas no livro, embora seja um número pequeno, 0,93% do total de 323 sócios do CECA, a presença de mulheres inscritas na década de 1960, 1,3% dos 234, torna-se também um dado importante, que pode indicar que elas, possivelmente, conseguiram burlar situações de discriminação que cerceavam as atividades femininas naquele contexto histórico, em que a capoeira era estigmatizada e sua prática estava relacionada aos ambientes marginalizados socialmente, quando ainda era vista como uma prática masculina. Um dado quantitativo, aparentemente pequeno, pode esconder um dado qualitativo, que representa o campo de lutas simbólicas e materiais, pessoais e coletivas.

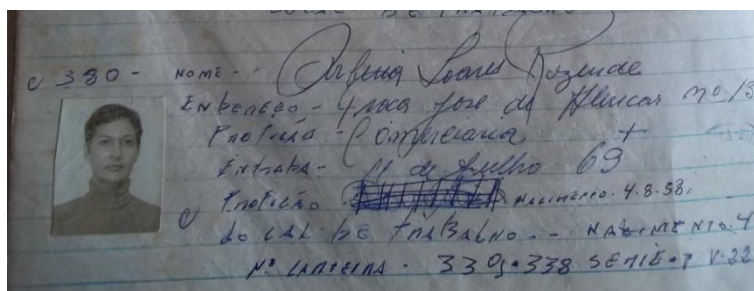
Registro nº 113 – entre 1962-1965: possui foto, mas não contém dados.



Registro nº 342 – 1968, Maria de Lourdes Barbosa.



Registro nº 380 – 1969, Arbenia Soares Rezende.



Como o livro apresenta inúmeras correções, sendo difícil afirmar qual o período de maior entrada de alunos. A maior parte dos registros de admissões na academia aparece na década de 1950 e na metade da década de 1960, confirmando as observações de Barreto e Freitas (2009), que afirmam que estas décadas foram de apogeu do Mestre Pastinha, quando sua Academia tornou-se referência, sendo visitada pela intelectualidade baiana, brasileira e estrangeira. Nesta época, ainda destaca Rego (1968, p. 275), Mestre Pastinha era reconhecido como “[...] uma das grandes figuras da vida popular da Bahia. De todos os capoeiristas foi um dos que mais viajaram, em exposições com a sua Escola e um dos poucos a transpor o Atlântico e chegar até o continente africano [...]”, quando participou da delegação brasileira no *I Festival de Artes Negras*, em Dakar, Senegal, em abril de 1966.

Apesar do reconhecimento e prestígio alcançados, o CECA não tardou entrar em declínio, tornando-se muito difícil a sua gestão e continuidade. Para Rego (1968) foi no fim da década de 1960 que a academia entrou em decadência, perdendo seu ritmo inicial. Neste período, segundo Abib (2013), mesmo com dificuldades, Mestre João Pequeno assumiu as aulas do CECA, uma vez que o Mestre Pastinha estava com problemas de saúde. Barreto e Freitas (2009) informam que nesta ocasião Mestre Pastinha sofreu o “derradeiro golpe” quando foi despejado do casarão do Pelourinho em 1971, durante a gestão do prefeito Clériston Andrade, por causa do projeto de recuperação do Centro Histórico de Salvador. A prefeitura fez promessas de realocá-lo, mas não ocorreu de fato. O casarão mais tarde foi desapropriado pela prefeitura e doado ao Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) e transferido para o SENAC. Em 1979, com Mestre Curió à frente, ocorreu a última tentativa de reabrir o CECA, dessa vez na Rua Gregório de Matos, nº 51, que logo fechou com o fracasso. Pastinha vivia então, em um pequeno quarto no Pelourinho com uma simbólica ajuda do Estado, vindo a falecer em 1981. Mestre João Pequeno, considerado por muitos como o sucessor de Pastinha, fundou após sua morte o *Centro Esportivo de Capoeira Angola Academia Mestre Pequeno de Pastinha*, em 1982, localizado até hoje no Forte Santo Antônio além do Carmo. Foi nesse espaço que a capoeira Angola ganhou novo fôlego e revitalizou-se.

Como documento político-afirmativo, registro de um importante momento da capoeira baiana, o livro de registro do CECA ultrapassa os dados de sua história material. Os registros ali postos, de forma original ou cópia, como escritas da vida institucional do CECA, dão conta de um

horizonte histórico maior, no qual memórias e identidades são evocadas, em diversificados sentidos e tempos. Neste sentido, vale a reflexão de Oliveira (2012, p. 27), baseada nas discussões sobre identidade de Stuart Hall: “[...] a identidade, tal como a memória, permanece sempre incompleta, está sempre em processo, num movimento de constante fazer-se e atualizar-se.”

Quiçá tenha sido esta perspectiva do “movimento constante”, que também é da capoeira, que tenha motivado dona Nice a entregar os objetos de Mestre Pastinha ao MAFRO. A capoeira está dinamicamente articulada ao visível e ao invisível, entre presenças e ausências. O gesto de d. Nice pode ser compreendido com as reflexões de Sepúlveda: “[...] para quem reúne os objetos, para aqueles que os possuem ou para os admiradores, existe uma relação de apropriação do invisível.” (SEPÚLVEDA, 2005, p. 68). Através desta “apropriação do invisível”, a ausência do mestre poderia ser compensada através da força dos objetos musealizados, que lhes devolveriam a vida material, como um legado, uma herança não somente individual, mas coletiva.

No livro de registro do CECA três mulheres estão entre os 320 homens mencionados. Possivelmente ausências devem constar, assim como falhas no registro dos dados, entre outros problemas, porém, mais que a veracidade e fidedignidade, o documento registra que determinadas vidas estiveram e ainda estão implicadas ao exercício da capoeira, seja na condição aprendizes ou mestres. Como chama atenção Pineau (2011, p. 27): “A vida abarca todas estas vidas, que se apresentam de maneira mais ou menos desordenada, seguindo-se umas às outras em sucessão e alternância temporária ao longo das idades, de maneiras diversas, felizes e infelizes.”

Referências

- ABIB, Pedro (Cord.). *Mestres e capoeiras famosos da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2013.
- BARRETO, José; FREITAS, Otto. *Pastinha: o grande mestre da capoeira Angola*. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2009.
- CAPOEIRA, Nestor. *Capoeira: os fundamentos da Malícia*. Rio de Janeiro, 5ª Ed., 1999.
- NASCIMENTO, Rosana. O objeto museal, sua historicidade: implicações na acção documental e na dimensão pedagógica do museu. *Cadernos de Sociomuseologia*, n. 11, Lisboa: ULTH, 1998.
- OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de. Multiplicidade de sentidos para a construção de um conceito de Memória Social. In: PINTO, Diana de Souza; FARIAS, Francisco Ramos de. *Novos apontamentos em memória Social*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- PINEAU, Gaston. História de vida e alternância. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. *Memória, (auto)biografia e diversidade: questões de método e trabalho docente*. Salvador: EDUFBA, 2011.
- REGO, Valdeloir. *Capoeira: ensaio sócio-etnográfico*. Salvador: Itapuã, 1968.